

Radovan Richta e a Revolução Científico-Técnica: 50 anos de um clássico esquecido e necessário

Radovan Richta and the Scientific and Technological Revolution: the 50th anniversary of a forgotten and necessary classic

Radovan Richta y la revolución científica – técnica: 50 años de un clásico olvidado y necesario.

Radovan Richta et la révolution scientifique et technique : le cinquantième d'un ouvrage classique, oublié et nécessaire

Roberto Santana Santos



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3722>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.3722

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Roberto Santana Santos, « Radovan Richta e a Revolução Científico-Técnica: 50 anos de um clássico esquecido e necessário », *Espaço e Economia* [Online], 13 | 2018, posto online no dia 14 novembro 2018, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3722> ; DOI : 10.4000/espacoeconomia.3722

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NuPEE

Radovan Richta e a Revolução Científico-Técnica: 50 anos de um clássico esquecido e necessário

Radovan Richta and the Scientific and Technological Revolution: the 50th anniversary of a forgotten and necessary classic

Radovan Richta y la revolución científica – técnica: 50 años de un clásico olvidado y necesario.

Radovan Richta et la révolution scientifique et technique : le cinquantième d'un ouvrage classique, oublié et nécessaire

Roberto Santana Santos

O homem e a obra

- 1 Em 2016 se completou 50 anos do lançamento de *Civilizace na rozcestí* (“Civilização na encruzilhada”, em checo, tradução livre), obra concebida por meio de trabalho coletivo em 1966 na então Checoslováquia socialista. O trabalho foi dirigido pelo filósofo Radovan Richta (1924-1983) e contou com a participação de outros 44 intelectuais das mais diversas áreas: filosofia, letras, sociologia, economia, física, engenharia, psicologia, medicina, arquitetura e urbanismo. No Brasil, a obra foi editada com outro nome, “Economia socialista e revolução tecnológica”, pela editora Paz e Terra, em 1972, numa versão muito ruim, como abordaremos mais adiante.
- 2 É muito provável que quase ninguém que está lendo esse artigo conheça a obra ou seu autor principal, pelo menos em terras brasileiras. Filósofos checos da época da Guerra Fria não são uma referência comum. Mesmo na internet, a pesquisa para esse artigo se mostrou difícil, já que a barreira do idioma é um complicador de peso neste caso. Há poucas informações sobre Richta e a maioria está em checo, idioma que não domino. Várias referências para esse texto foram adquiridas por meio de ferramentas de tradução *on line*. Optamos por traduzir as páginas visitadas em checo para o inglês, por ser um

idioma menos distante do original do que o português brasileiro. Esse método não garante uma tradução fidedigna, mas é o que nos permite um maior acesso de informações nesse momento.

- 3 Mas a partir da minha pesquisa e compreensão, os idiomas e traduções não são a contradição principal para o desconhecimento de Richta e sua obra magna, mas sim, o conteúdo que trazem ao nosso conhecimento. Como ficará claro nas linhas abaixo, as teses de Richta e seu principal objeto de pesquisa, a Revolução Científico-Técnica, se encontram na contramão do que comumente é apresentado (imposto?) como “globalização”, “terceira ou quarta revolução industrial” e outras tantas explicações para as mudanças estruturais pelas quais a humanidade passa nas últimas décadas. Ao contrário do que os defensores do capitalismo, dentro e fora da academia, argumentam, o legado que Richta e os demais pesquisadores checos nos deixaram nos permite refletir sobre todo o avanço das forças produtivas, e seus desdobramentos nas relações sociais, não como um novo momento do capitalismo, mas sim, como fenômenos em franca oposição aos pilares do modo de produção capitalista.
- 4 Ao procurar por informações sobre Radovan Richta na internet, a primeira coisa que encontramos, como quase sempre, são verbetes da Wikipedia. No entanto, não há página sobre o filósofo checo na versão em português da enciclopédia virtual. Cruzamos informações disponibilizadas nas versões em inglês, francês e checo, com outros materiais de pesquisa, e verificamos que as três versões, quando lidas em conjunto, apresentam um bom resumo da vida de Richta e dos pontos principais defendidos por suas teses, sendo uma boa leitura introdutória para conhecer o intelectual e seu campo de estudo. A versão em checo possui mais informações como um todo; a versão em inglês é bem resumida, atentando mais para a biografia, enquanto a versão em francês versa mais sobre seus trabalhos acadêmicos.
- 5 Radovan Richta nasceu em Praga, em 1924. Antes da vida intelectual trabalhou no setor ferroviário. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a Checoslováquia foi ocupada por forças nazistas, tendo Richta participado da resistência armada por meio do grupo *Predvoj* (“Vanguarda”, em checo), que viria a compor o Partido Comunista da Checoslováquia futuramente. Foi capturado junto a outros militantes e preso pela Gestapo, polícia nazista, prisão que lhe deixou muito doente (tuberculose e outras enfermidades) e que lhe deixaria sequelas pelo resto da sua vida. Nos dias finais do conflito, foi lhe permitido pelos nazistas ser levado pela Cruz Vermelha para a Suíça, assim como outros prisioneiros que apresentavam grave quadro clínico. Essa ação lhe salvou a vida, já que seus companheiros de prisão viriam a ser executados sumariamente pelos nazistas, incluindo seu melhor amigo, Karel Hirsch, no dia 2 de maio de 1945, poucos dias antes da rendição alemã aos Aliados, ocorrida nos dias 8 e 9 de maio.¹
- 6 Após a Segunda Guerra Mundial, Richta passou por longos tratamentos para suas enfermidades, aproveitando para se dedicar aos estudos. Ingressou na Universidade Charles, uma das mais prestigiadas de seu país, onde participaria do movimento estudantil e se dedicaria à filosofia e ciências naturais. Se tornaria professor universitário e cientista da Academia de Ciências da Checoslováquia em 1954, onde progrediria na carreira ao longo de sua vida, alternando momentos onde necessitava se retirar para sanatórios, devido ao tratamento médico, especialmente dos pulmões. É durante a década de 1960 que Richta publicará seus principais trabalhos, sempre conectando filosofia e tecnologia, campo pouco explorado na área filosófica. Em 1963 lança seus dois primeiros trabalhos, intitulados – em tradução literal – “O homem e a técnica na revolução dos

nossos dias” e “Comunismo e mudanças na vida humana (para a natureza do humanismo do nosso tempo)”, contribuindo para que a tecnologia fosse um dos objetos de reflexão da filosofia naquela década.²

- 7 Em 1966 é lançada “Civilização na encruzilhada”, obra a qual tratamos nesse artigo, trabalho coletivo de 44 cientistas sob sua coordenação. Este trabalho colocou Richta no mapa da intelectualidade mundial naquele período, sendo aclamado por diversas vezes e traduzido para diversos idiomas. Karel Ondryáš nos relata que o livro chegou a ser chamado de “O Capital do século XX” (ONDRYÁŠ, 1999), em referência à obra magna de Marx. Sua tese central é ousada e potente: a de que, desde a Segunda Guerra Mundial, se iniciou uma revolução produtiva, que não é continuação ou nova fase da Revolução Industrial, mas sim, sua superação dialética. Enquanto a Revolução Industrial significou o ápice da produção capitalista, com a desqualificação do trabalho humano e sua submissão à máquina; a Revolução Científico-Técnica parte da automação da produção, libertando o ser humano da produção propriamente dita (trabalho físico) e transformando a ciência na principal força produtiva. Com o ser humano liberto do trabalho diretamente ligado à produção, abre-se toda uma nova perspectiva de sua formação, agora dedicada à ciência, a cultura e ao lazer. O avanço das forças produtivas e a reprodução da vida dependeriam de uma permanente qualificação do trabalho, do domínio científico e da livre troca de conhecimento, características que entram em contradição com o tempo de trabalho socialmente necessário como unidade de medida da produção de valor e com as relações de propriedade no capitalismo. Em suma, a Revolução Científico-Técnica é o estágio das forças produtivas do socialismo, em contradição plena com as relações sociais de produção capitalistas.³
- 8 Richta atentava que a Revolução Científico-Técnica se encontrava apenas em estágio inicial, e que, como toda revolução produtiva, a identificação deste fenômeno e de suas potencialidades, não significaria que mudanças radicais se desatariam em curto prazo ou automaticamente. Mas, abordava a impossibilidade do capitalismo em desenvolver as potencialidades máximas do fenômeno, já que isto entraria em contradição com a própria reprodução do capital. Em resumo, o que Richta nos chama atenção é que o capitalismo se tornou um entrave ao pleno desenvolvimento das forças produtivas, vide que precisa restringir determinadas potencialidades que lhe ameacem e desviar o curso da revolução produtiva unicamente para o aumento dos lucros e o domínio da classe dominante. Esse bloqueio ou desvio do avanço das forças produtivas, se desdobra numa utilização alienante da tecnologia. O então socialismo existente no Leste europeu também não seria o suficiente para desatar as possibilidades da Revolução Científico-Técnica, já que, para o autor, essas experiências se encontravam presas à forma de produção industrial, que inibe a qualificação da força de trabalho.
- 9 Essa reflexão sobre a Revolução Científico-Técnica e a tecnologia em geral consistiram o ápice do trabalho intelectual de Richta realizado nas décadas de 1960 e 1970. Ao longo desses anos seria muito premiado pela sua carreira, chegando a diretor do Instituto de Filosofia e Sociologia da Academia de Ciências da Checoslováquia. Em 1968 participaria ativamente do movimento que ficou conhecido como Primavera de Praga, tentativa de reforma do socialismo checo contra as imposições do revisionismo soviético e seus representantes locais. Alguns creditam a Richta a invenção do lema “socialismo de face humana”, utilizado pelo movimento.⁴ A Primavera de Praga, no entanto, apresentava muitas contradições, pois abrigava entre seus líderes, desde autênticos revolucionários que desejavam uma reforma no sistema burocrático revisionista, até liberais pró-EUA que

viam a oportunidade de restauração capitalista (tanto que, duas décadas depois, participariam do processo de derrocada do socialismo).

- 10 Após o fim do movimento, imposto por uma invasão das tropas do Pacto de Varsóvia sob comando soviético, Richta retorna à produção intelectual em 1971. Não conseguiu informações se o autor chegou a sofrer qualquer tipo de repressão ou constrangimento pela sua participação na Primavera de Praga. Ainda que Karel Ondryáš (1999) tenha colocado que as ideias do filósofo checo nem sempre agradavam as direções de partidos e governos do Leste – especialmente o soviético, Richta manteve seu cargo no Instituto de Filosofia e Sociologia e continuou recebendo premiações, o que demonstra que não sofreu represálias, pelo menos no que tange ao seu emprego e posição proeminente no campo da intelectualidade checa. Ao fim da vida trabalhou em projeções científicas do futuro do país, tendo coordenado um trabalho chamado “Checoslováquia 2000”, encomendado pelo Partido Comunista checo, e nunca publicado (talvez por discordâncias políticas do Partido?). Permaneceu na direção do Instituto de Filosofia e Sociologia até 1982, quando se retira, vindo a falecer um ano depois, em 1983, aos 59 anos.⁵
- 11 O avanço colossal das forças produtivas no final do século XX e início do século XXI, notoriamente no campo da informática e da comunicação, acompanhado de uma degradação na qualidade de vida e do meio ambiente, parecem confirmar as teses do filósofo checo. Há uma revolução produtiva em curso que muda radicalmente o modo de vida da humanidade, mas que, confinada nos limites das relações de produção capitalistas, produz alienação, mal-estar, conflitos e sofrimentos totalmente desnecessários no estágio atual das forças produtivas. As contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, porém, somente são superadas por meio da ação revolucionária das massas.
- 12 Nesse artigo apresento os principais pontos da tese de Richta sobre a Revolução Científico-Técnica, assim como algumas críticas e comentários à sua proposta. Consiste num texto introdutório ao pensamento do intelectual checo, com o propósito de resgatá-lo para as discussões do mundo atual e disponibilizá-lo ao estudo de leitores e leitoras que o desconheçam. Tive contato com as teses de Radovan Richta a partir dos trabalhos do Professor Theotônio dos Santos (1983, 1987, 2004), meu orientador no doutorado, que toma a questão da Revolução Científico-Técnica como força produtiva fundamental para as transformações experimentadas pela humanidade nos últimos tempos. A importância da Revolução Científico-Técnica e os trabalhos sobre a teoria da dependência permitiram ao Professor Theotônio uma visão muito singular da teoria do sistema-mundo, quando comparado a outros estudiosos da temática, como Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi. Essa interpretação, contudo, não seria possível sem o trabalho de Radovan Richta há mais de meio século atrás, nos brindando com uma compreensão radical das grandes transformações do mundo contemporâneo.

“Civilização na Encruzilhada” e a Revolução Científico-Técnica

- 13 Em 1966, foi lançada “Civilização na Encruzilhada” na então Checoslováquia, principal obra de Radovan Richta, que ganhou o mundo, sendo traduzida para vários idiomas. A versão brasileira é de 1972, e acabou recebendo outro nome, “Economia socialista e revolução tecnológica”, numa edição muito ruim, pois, apresenta erros de tradução que

comprometem a obra e a supressão dos quadros, tabelas, gráficos e referências bibliográficas utilizados pelo trabalho coletivo capitaneado por Richta (BAYER, CASTILHO, 1973, p. 192). Infelizmente, esta é a única edição que consegui obter até o momento e é ela que utilizaremos como referência nesse artigo. Acredito, contudo, que a discussão sobre os principais pontos da obra de Richta não será prejudicada.

- 14 Em “Civilização na Encruzilhada”, o filósofo checo e sua equipe nos apresentam o conceito de “Revolução Científico-Técnica”. Richta não é o criador do termo, que ele credita ao marxista inglês J. D. Bernal (RICHTA, 1972, p. 4)⁶, porém, sem dúvidas, é seu trabalho que formula o conceito de forma mais definitiva, assim como estabelece as características que permitem identificá-lo como uma revolução produtiva em curso e suas contradições com o modo de produção capitalista. Como este trabalho trata-se de um artigo, com finalidade introdutória, aborda apenas os pontos principais, sem aprofundá-los, algo que farei posteriormente na minha tese de doutorado.

A Revolução Científico-Técnica (RCT) é uma revolução produtiva em escala mundial, caracterizada pela ciência como força produtiva em si, tornando-se o elemento principal da produção material. Essa revolução subordina a técnica à ciência, e permite à última dirigir o processo produtivo. A Revolução Científico-Técnica não é uma continuação, aprimoramento, ou nova fase da Revolução Industrial, mas, na verdade, sua superação dialética, uma nova revolução produtiva que vem superar as contradições de sua antecessora. Richta coloca como principais pontos da Revolução Científico-Técnica os seguintes elementos que a fazem transcender a Revolução Industrial:

16 (a) A automação

: o processo de produção é cada vez mais dominado por sistemas de máquinas que se autorregulam, sem a necessidade do trabalho físico humano.

17 (b) Os efeitos da ciência sobre a matéria:

as próprias matérias-primas utilizadas na produção podem ser moldadas de acordo com as necessidades humanas, chegando inclusive à manipulação molecular dos elementos. Isso se dá devido aos avanços da química, física e biologia.

18 (c) A tendência à qualificação do trabalho

: o valor “subjetivo” é cada vez mais dominante no trabalho humano, e leva, dia após dia, à extinção de trabalhos efetuados simplesmente pela “força de trabalho”. Dialeticamente, o avanço da ciência depende cada vez mais que os esforços humanos sejam no desenvolvimento científico, portanto, no trabalho “intelectual” ou “subjetivo”.

19 (d) Difusão > apropriação privada

: a ciência como força produtiva tende, em seu avanço cada vez mais dinâmico, a difundir conhecimento, superando barreiras construídas socialmente, entre elas, os próprios elementos de funcionamento das relações de produção capitalistas (como a propriedade privada).

- 20 Esses fatores combinados modificam radicalmente a relação do ser humano com a natureza e entre si. A automação permite que poucos trabalhadores sejam necessários para operar uma linha de produção, já que processos de correção, adequação e cálculos

são resolvidos pelo próprio maquinário. Como a produção depende cada vez mais da ciência, a simples utilização do homem como força de trabalho vai se tornando algo desnecessário. A técnica e o avanço das forças produtivas estão subordinados à ciência e esta, por sua vez, somente pode se desenvolver a partir do conhecimento cada vez mais amplo e complexo da natureza por parte do ser humano. Os avanços nos campos da física, química e biotecnologia são exemplos de como a humanidade está chegando ao estágio de manipular os elementos mais básicos da matéria. Essa necessidade de conhecimento científico como fio condutor da produção material faz, em um processo paulatino, com que a divisão entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo seja algo superável, já que a produção é resultado do conjunto de diversos tipos de trabalho direcionados pelo conhecimento científico.

Os trabalhadores e trabalhadoras no campo da ciência (ou mesmo em outras áreas) são impelidos pelo sistema de produção a dominarem cada vez mais técnicas e conhecimentos que os tornam verdadeiros especialistas, e não mais em simples força de trabalho para a criação de um determinado valor dentro de um espaço de tempo estipulado (jornada de trabalho). É dentro desse enorme avanço das forças produtivas que se desenvolvem ciências como a robótica, informática, microeletrônica, biotecnologia, o domínio de novas fontes de energia, e até o desenvolvimento de setores dedicados à cultura e ao entretenimento que exigem a aplicação de ciências avançadas para sua criação, que empregam cada vez mais pessoas e movimentam somas astronômicas de dinheiro (videogames, festivais de música, efeitos computadorizados utilizados em filmes, etc).

Todas essas questões apontadas são possíveis devido ao fato de que a ciência se tornou o elemento principal das forças produtivas, ou seja, seu avanço e domínio determinam a própria produção da vida material dos seres humanos. A Revolução Científico-Técnica expande sua influência por todo o planeta, e provoca sensíveis mudanças no modo de vida de homens e mulheres. Essa é a chave para compreendermos as transformações dos tempos atuais. Estamos em um estágio inicial de uma mudança total no modo de produção da vida material e que se movimenta na longa duração. Essa revolução não pode ser parada e anuncia a construção de novos tipos de relações sociais e internacionais que apenas apresentam seus primeiros sinais em nossa época, não deixando, contudo, de já manifestar diversas contradições com as relações capitalistas até então vigentes.

A Revolução Científico-Técnica e seus pontos essenciais, como a automação, iniciam no capitalismo, mais precisamente, ao final da Segunda Guerra Mundial, na década de 1940. Richta nos aponta que as condições que permitiram o deslanchar da Revolução Científico-Técnica nesse momento histórico específico foram: a grande necessidade de inovações aplicadas em diversas áreas para sustentar o esforço de guerra; as ideias keynesianas de produção em larga escala para o consumo de massas, que exigiram aumento substancial da produtividade; e a concorrência com o mundo socialista, que trouxe um bloco de forças antagônicas ao capitalismo internacional (RICHTA, 1972, p. 55-59).

Se anteriormente a mecanização da produção já substituía o trabalhador como centro do processo produtivo, subordinando o ser humano ao ritmo da máquina, na automação o controle, qualidade e programação da produção passam para os computadores, sem a necessidade de intervenção humana. Para chegarmos a níveis tão complexos de máquinas, capazes de agir mais rápido que o cérebro humano e controlar um processo produtivo, é necessário um conhecimento científico muito elevado. É nesse momento, a partir dos anos 1940 e 1950, que sistemas automáticos começam a ser utilizados e se inicia um desenvolvimento científico sem precedentes na história humana. A partir desse momento a ciência deixa de ser um elemento auxiliar da produção. Se converte, ela própria, em força produtiva e subordina a produção e a técnica a ramo aplicável da

24

ciência. Já em meados do século XX aparecem os primeiros sinais de avanços dessa tecnologia, com uma produção de mercadorias em massa – que se converteria rapidamente em mercados globais; o domínio da química, que passa a transformar a estrutura molecular dos elementos; novas fontes de energia, como a nuclear e as energias renováveis. No entanto, é apenas a partir da década de 1980 que o grande público começou a notar os desdobramentos da Revolução Científico-Técnica. Isso porque os avanços produtivos começaram a chegar ao cotidiano das pessoas por meio de bens e serviços, tais como computadores, celulares, videogames, viagens de avião cada vez mais rápidas, sistemas digitais usados nos mais variados aparelhos eletrônicos, diversas profissões que foram

25

extintas ou criadas pelas novidades tecnológicas, etc. Apesar de nascente no capitalismo, a Revolução Científico-Técnica guarda profundas contradições com esse sistema. Como apontado por Marx e Engels (2007), os seres humanos entram em relações sociais independentes da sua vontade, correspondendo a um estágio determinado das forças produtivas. Ao atingir um certo nível de desenvolvimento, uma revolução produtiva possui capacidade de remodelar as relações sociais. Com o tempo, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção (suas formas políticas e jurídicas, como a propriedade privada) aumenta a determinado ponto onde as relações sociais se tornam um entrave ao desenvolvimento das forças produtivas. Para Marx e Engels, abre-se o momento da revolução social, que pode levar

26

essa contradição ao termo e à criação de uma outra formação social. Podemos enumerar três grandes contradições entre o capitalismo e a Revolução Científico-Técnica. A primeira delas é que uma produção automática, tende a retirar o ser humano do processo produtivo e reduzir o tempo de trabalho socialmente necessário (TTSN) ao mínimo possível. Quanto menor o TTSN, menor o valor repassado ao final do processo à mercadoria. Numa produção automática, onde a participação da força de trabalho é mínima ou nenhuma, o tempo de trabalho socialmente necessário tende a zero, diminuindo assim o valor excedente produzido (e numa visão geral, a massa de mais-valor

27

produzida em uma jornada). Dessa forma, a Revolução Científico-Técnica e a automação não podem ser levadas às últimas consequências no capitalismo, pois contrariam os fundamentos do próprio sistema, como nos mostra Theotonio dos Santos:

O desenvolvimento das forças produtivas empurra em direção à diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário para produzir as mercadorias e, ao mesmo tempo, empurra no sentido de uma maior quantidade de bens que a sociedade pode produzir num tempo dado com uma quantidade cada vez menor de horas de trabalho. Temos assim duas curvas opostas: A do valor dos produtos que decresce com a diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário e a

produção de bens ou valores de uso que tende a aumentar, entregando uma maior quantidade de bens ao mercado (...) numa diminuição cada vez maior do valor incorporado em cada produto, tendendo ao zero – quer dizer, ao não-valor. Esta é a contradição fundamental entre o processo de valorização e o desenvolvimento das forças produtivas; ela conduz à eliminação da base material do valor (o trabalho socialmente necessário) através da automação crescente da produção. (...) A completa automação da produção seria, pois, o limite histórico material da exploração do homem pelo homem. (DOS SANTOS, 1987, p. 252-254)

Caso a automação seja levada à sua máxima potencialidade, ou seja, uma produção totalmente automática, sem a necessidade de seres humanos, ela romperia com o “limite histórico material da exploração do homem pelo homem”. A redução total do tempo de trabalho socialmente necessário inviabilizaria a produção de valor excedente e, portanto, os fundamentos do próprio sistema capitalista, já que, nessas configurações, estaria inviabilizada a utilização da força de trabalho como produtora de valor excedente. O tempo deixaria de ser a unidade de medida do valor.

28

Um segundo ponto de contradição entre o capitalismo e a RCT se encontra na questão da restrição da difusão de inovações como forma de aumento da taxa de lucro. O capitalista que introduz uma inovação pode tirar vantagem num primeiro momento, produzindo mais barato, mas aumentando seu lucro por manter a média de preços do produto no mercado. Vejamos como Marx tratava a questão:

29

O capitalista que emprega o modo de produção aperfeiçoado é, portanto, capaz de apropriar-se de uma parte maior da jornada de trabalho para o mais-trabalho do que os demais capitalistas no mesmo ramo de produção. Ele realiza individualmente o que o capital realiza em larga escala, na produção de mais-valor relativo. Por outro lado, *esse mais-valor adicional desaparece assim que o novo modo de produção se universaliza* e apaga-se a diferença entre o valor individual das mercadorias barateadas e seu valor social (MARX, 2013, p. 393, grifos nossos).

Quando se generaliza o uso da nova tecnologia, o preço das mercadorias tende a diminuir devido à concorrência. O atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas não permite a apropriação privada de uma determinada inovação por muito tempo. A facilidade da troca de informações, processamento de dados e produção de mercadorias, faz com que qualquer inovação seja rapidamente copiada por empresas diversas.

30

8

Se a apropriação privada de uma determinada inovação é uma forma vital de garantir lucros, o objetivo de um monopólio é restringir a difusão de uma determinada tecnologia que lhe dê vantagem momentânea. Podemos ilustrar esse fenômeno com uma “equação”: difusão < apropriação privada (difusão menor que apropriação). Constatamos, porém, que o estágio atual das forças produtivas não permite uma apropriação prolongada por parte dos monopólios. Por mais que estes tentem se resguardar de diversas formas – patentes, por exemplo – a difusão de informações e conhecimentos, aliadas a métodos cada vez mais rápidos de produção e circulação, faz com que a difusão em curto espaço de tempo (“universalização do novo modo de produção”) seja uma realidade, dificultando a apropriação e, dessa maneira, agindo como tendência decrescente da taxa de lucros. Podemos, portanto, ilustrar essa questão no mundo globalizado com outra “equação”: difusão > apropriação privada (difusão maior que apropriação).

31

Na totalidade das transformações, a impetuosa ascensão das forças produtivas, com o avanço cada vez mais rápido da ciência e das suas aplicações, se apresenta sob o aspecto até aqui desconhecido de um fator social independente, como uma força natural autônoma que se eleva acima dos povos, dos países e dos sistemas, uma

força que nenhum monopólio, hoje, no mundo, está em condições de frear ou à qual se possa opor definitivamente, por mais que haja quem queira se empenhar nesta tentativa; uma força que só poderá ser reprimida por aqueles que a ela se submeterem inteiramente (RICHTA, 1972, p. 58)

Por último, a terceira contradição entre os desdobramentos da RCT e os limites do capitalismo se encontra na questão do trabalho. Num sistema de relações de produção condizentes com os avanços produtivos recentes, a automação nos permite liberar a força de trabalho em direção à criação científica que, dialeticamente, inferiria de forma positiva na perpetuação do desenvolvimento da Revolução Científico-Técnica. O ser humano liberado da produção direta, poderia usufruir de mais tempo livre para o estudo, conhecimento e lazer, desatando uma torrencial de criatividade que perpetuaria as potencialidades da RCT.

Ao contrário do capitalismo, a Revolução Científico-Técnica depende da maior qualificação da força de trabalho, transformando os trabalhadores em verdadeiros cientistas, ou seja, especialistas em determinado conhecimento. A automação do processo produtivo, em última instância, leva ao fim da subjugação do trabalho à máquina e à liberação dos seres humanos do processo produtivo em si, permitindo a dedicação da força de trabalho à sua qualificação.

O problema consiste que tal estrutura (da automação, da difusão e da liberação da força de trabalho) não só não funciona no capitalismo, como suas características são completamente antagônicas às relações de produção capitalistas. O que Richta nos coloca é que a Revolução Científico-Técnica, enquanto avanço nas forças produtivas, entra numa contradição insolúvel com as relações sociais de produção capitalistas. Seguindo a teoria de Marx, isso significa que a RCT pode nos levar a um momento de revolução social, já que o estágio das forças produtivas não mais é comportado pelo tipo de relações existentes na formação social capitalista, e mais precisamente, na sua representação jurídica, a propriedade privada. Da mesma forma, a produção automática tende a inviabilizar grandes acumulações de capital a partir do tempo de trabalho socialmente necessário, já que este tende a zero.

A jornada de trabalho, tal como a concebemos, se torna não só algo totalmente obsoleto, como prejudicial ao avanço das forças produtivas, já que a ciência como força produtiva principal não funciona à base do tempo de trabalho socialmente necessário e na lógica do lucro imediato do mercado. Entre o início de uma pesquisa científica que permita no futuro um avanço produtivo, até o seu efetivo uso sistemático, existem anos ou até décadas de trabalho. O trabalho científico não pode ser quantificado dentro da lógica do valor tal como expresso no modo de produção capitalista.

Resumimos os principais pontos da tese de Richta no quadro abaixo (Quadro 1) para melhor entendimento.

Quadro 1: Contradições entre capitalismo e Revolução Científico-Técnica

Fenômeno	Capitalismo (Revolução Industrial)	Revolução Científico-Técnica
Centralidade da produção de excedentes	- Valor depende do tempo de trabalho socialmente necessário - Produção eletromecânica (trabalho físico + máquinas)	- Ciência: valor depende menos do tempo de trabalho socialmente necessário. Tendência ao <u>não-valor</u> - Produção automática (trabalho subjetivo)
Progresso técnico	Difusão < Apropriação privada das inovações	Difusão > Apropriação privada das inovações
Tipo de trabalho	Tendência de desqualificação do trabalho. Ser humano submetido à máquina	Tendência de qualificação do trabalho. Ser humano precisa dominar conhecimento e técnica

ELABORAÇÃO PRÓPRIA A PARTIR DOS TRABALHOS DE RICHTA (1972); DOS SANTOS (1983, 1987, 2004).

- 37 Richta discute ainda como o capitalismo se apropria da RCT, tentando conter as características do fenômeno que lhe são contraditórias. O capitalismo precisa frear o avanço das forças produtivas a partir do momento em que passam a ameaçar a acumulação de capital. “Civilização na Encruzilhada” nos apresenta alguns mecanismos utilizados pelo capital para restringir as potencialidades da RCT: o monopólio e o Estado, ou mais precisamente, o gasto público com ciência e tecnologia.

A partir de um certo ponto, o desenvolvimento das forças produtivas apresenta limites para o capitalismo, que fica condicionado por seus próprios objetivos, quer dizer, pelo fato de que deve expandir seu valor com a ajuda da força de trabalho (...) essa ambivalência do capital em relação às forças produtivas é ainda mais importante no caso do monopólio, que, por sua natureza, dispõe de possibilidades bem maiores de utilizar e, até mesmo, abusar dos recursos sociais, da tecnologia e da racionalização. (...) Desde o fim do século passado [século XIX] e durante a primeira metade do século XX o capital monopolista, sem dúvida alguma, fez com que uma riqueza imensa de recursos tecnológicos e ainda mais de potencial humano, permanecesse inutilizado (RICHTA, 1972, p. 52-53).

O monopólio é uma forma de retardar a utilização de inovações no sistema produtivo e demais áreas da sociedade. Por meio da apropriação privada de invenções e inovações, um determinado monopólio pode frear a utilização daquelas, mantendo um exclusivismo de uso, ou, simplesmente, não desenvolvendo a inovação. Em nossa época, existem diversas

- 38 formas de realizar tal apropriação, como a política de patentes, copyrights

, direitos autorais, privatizações de serviços e instituições outrora públicos, etc. O monopólio se constitui assim como uma forma de entrave ao desenvolvimento científico da humanidade, pois inviabiliza ou retarda a circulação de conhecimento (DOS SANTOS, 1983 e 1987).

Ao não permitir a livre circulação de conhecimento, o monopólio pode desviar o potencial tecnológico de um determinado setor para utilizar a tecnologia somente para seu lucro (“seus próprios objetivos”) e não para questões sociais mais importantes. Por exemplo, a biotecnologia dedicada ao desenvolvimento de alimentos transgênicos que recebem mais agrotóxicos, poderia ser utilizada para pesquisar a cura de doenças, a produção de órgãos em laboratório para transplantes, ou até mesmo a manufatura de alimentos nutritivos.

O monopólio se caracteriza, portanto, como fator de contratendência à rebaixa dos lucros, um mecanismo de controle maior sobre as forças produtivas, para utilizá-las, freá-las ou descartá-las de acordo com as necessidades da acumulação de capital. No caso da RCT, o monopólio é um instrumento de inutilização de recursos técnicos e conhecimento humano, ao subutilizar, propositalmente, as forças produtivas já existentes e as possíveis.

Avanços científicos que poderiam mudar completamente a vida da humanidade, diminuindo a jornada de trabalho, reservando mais tempo para o conhecimento e o lazer, são desviados ou, simplesmente, não desenvolvidos, pois entram em contradição com a base de reprodução da sociedade capitalista (RICHTA, 1972). O monopólio resguarda a produção científica e a direciona para seus interesses, transformando a ciência em algo lucrativo.

O Estado também cumpre papel fundamental para a apropriação da RCT pelo capitalismo. Como a pesquisa básica

é fundamental para o desenvolvimento da ciência, mas pouco lucrativa a curto prazo, o Estado – financiado por toda a sociedade – fica com a tarefa de investir nessa área e na formação dos trabalhadores especializados (cientistas), por meio das universidades, laboratórios e empresas públicas. As empresas privadas utilizam suas áreas de pesquisa somente para aplicar os conhecimentos previamente desenvolvidos no aparato público, dedicando-se à pesquisa aplicada¹⁰, e principalmente, ao desenvolvimento¹¹ de produtos (DOS SANTOS, 1983, p. 131-169).

Assim, o gasto com a pesquisa básica e com a formação de pessoal especializado fica com o conjunto da sociedade, por meio do Estado. Posteriormente, o resultado das pesquisas e a força de trabalho formada são apropriados privadamente pelos grandes monopólios transnacionais. Obviamente, estes agem com grande

lobby dentro dos governos para direcionar a pesquisa científica e a formação de profissionais para as áreas de seu interesse. Richta nos apresenta um exemplo de sua época:

É significativo que a intervenção estatal tenha ido mais longe nos setores nos quais a ciência, como força produtiva intrinsecamente inimiga da empresa privada e que abre continuamente uma passagem através dela, é mais ativa. O governo dos Estados Unidos financia 65% das despesas de pesquisa e desenvolvimento (se bem que no estado de coisas atual apenas 18% diga respeito a trabalhos do governo); para a França o percentual é de 64%, para a Grã-Bretanha de 54%, etc. J. F. Kennedy justificou o sistema de subvencionar as inovações tecnológicas com o fato de que o lucro por si só não está em condições de estimular, na medida necessária, o progresso científico e tecnológico. Os mesmos objetivos são tentados através da automação, através dos sistemas das taxações e da política de créditos dos Estados modernos, com a finalidade de elevar o poder aquisitivo e de lançar-se cada Estado no *boom* da corrida armamentista (RICHTA, 1972, p. 67).

A única condição em que empresas de grande porte investem pesado em pesquisa básica são em áreas onde o lucro é garantido, pois seu único ou principal comprador é o próprio Estado. O Estado aparece como fundamental para sustentar esferas altamente monopolizadas, como os setores militar, aéreo, aeroespacial e de comunicação. Nesses casos há forte pesquisa por parte das empresas, pois o lucro é garantido, já que a venda é diretamente para o Estado. Ao contrário do que prega o ideário neoliberal, os grandes monopólios transnacionais dependem altamente dos gastos estatais para se manterem, não havendo aqui nada que lembre o ideal de “livre mercado”. O Estado funciona, portanto, como uma garantia de venda de setores monopolizados e como fonte de inovações e força de trabalho qualificada. Dessa forma, elimina o risco do capital privado em determinados setores, ou retira desse mesmo setor a necessidade da pesquisa básica.

Críticas, comentários e complementos à tese de Richta

- 45 Na pesquisa sobre Richta encontramos alguns textos sobre sua obra. São críticas, comentários e complementos ao trabalho do filósofo checo realizados em diferentes momentos. Há textos que apontam para um certo determinismo tecnológico em Richta, tratando de polêmicas dentro do campo do marxismo. Outras discordâncias vêm de intelectuais pró-capital, que defendem o mercado como responsável pela Revolução Científico-Técnica e o socialismo como um entrave ao avanço das forças produtivas. Da mesma forma, há atualizações e concordâncias com o pensador checo que utilizam seu trabalho como ponto de partida para pensar as grandes transformações que ocorrem no mundo atual. Encontrei também um artigo e uma entrevista de Richta que apresentam conteúdo para além do formulado em “Civilização na Encruzilhada”.
- 46 Através de ferramentas de busca na internet, chegamos ao livro de Maria Beatriz Loureiro de Oliveira, intitulado “Escola, trabalho e qualidade profissional”.¹² A autora aborda as mudanças no ensino e na qualificação da força de trabalho em tempos de automação. Ao revisar algumas posições sobre o processo de automação, Oliveira cita o trabalho de Richta, classificando-o como uma abordagem “otimista”, que faz da ciência e da técnica as forças motrizes da história. Oliveira chama atenção que a superação do capitalismo para Marx não se dá pelo mero avanço das forças produtivas, mas a partir das contradições entre estas e as relações sociais de produção. A falta de uma teoria da revolução social no trabalho de Richta abriria margem muito mais para uma sociedade governada por uma casta de técnicos privilegiados do que para a emancipação humana. A obra do pensador checo sofreria de um “determinismo tecnológico”, não levando em conta o conflito entre classes (OLIVEIRA, 2002, p. 57-62).
- 47 Em uma coletânea de filósofos checos do século XX, um dos editores da obra, Jiří Gabriel, destaca Richta como alguém que chamou atenção do mundo para o trabalho intelectual do seu país, dando ênfase à reflexão sobre tecnologia. No entanto, Gabriel discorda de Richta em diversos pontos, a começar pela sua visão de avanço tecnológico, que para Gabriel seria progressista e esquemática. Gabriel argumenta que a tecnologia avança de maneira horizontal, ou seja, que os avanços científicos se complementam para formar o novo, e não de que o novo suplanta o velho, que, para ele, era uma visão verticalizada, que atribuía a Richta. Gabriel entende tecnologia como o uso deliberado de sistemas e estruturas naturais ou criados pelo ser humano para propósitos culturais. Por fim, aponta

que a produção está avançando a ponto de satisfazer toda humanidade, mas os sistemas políticos continuam repressivos, o que pode ser entendido como crítica à ideia de Richta de que a Revolução Científico-Técnica seria possível somente no socialismo. Gabriel tenta nos mostrar que o fenômeno produtivo está descolado da formação social, ou pelo menos do tipo de governo (GABRIEL et al, 1994, p. 179-185).

- 48 Prova de que as teses de Richta foram discutidas em vários lugares se encontra em mais um resultado da pesquisa: uma discussão, de 1972, entre Manuel Pizán e Rafael Pla Lopez na revista espanhola de filosofia *Triunfo*. Pizán (1972a) enaltece o trabalho de Richta, mas não deixa de apontar discordâncias, como a crítica a um “determinismo tecnológico” que negligenciaria a luta de classes como motor da história, além da ausência de solidariedade com o Terceiro Mundo, ou como esses países poderiam ser auxiliados pelo bloco socialista a alcançar o patamar da Revolução Científico-Técnica. O texto de Pizán é respondido por Rafael Pla López, que contra-argumenta, dizendo que a obra de Richta está no campo da discussão científica e não ideológica. O humanismo de Richta, a partir da compreensão de libertação humana por meio da automação e outros desdobramentos da RCT, já é revolucionário por si, não necessitando que o autor checo entrasse em discussões sobre o caráter da revolução social. Por fim, Pla López coloca que a falta de posicionamento de Richta sobre o Terceiro Mundo seria um cuidado do autor em não delinear um modelo de revolução, já que cada país tem sua realidade e seu caminho para a superação do capitalismo (PLA LÓPEZ, 1972).
- 49 Outra discussão entre Pizán e Pla López é sobre a suposta posição revisionista de Richta. Pizán argumenta que Richta não esclarece o que seria uma cooperação entre “países industrializados”, ou seja, se isso significaria uma cooperação entre o bloco socialista e os países capitalistas centrais. Para Pizán, essa ambiguidade em Richta abre margem para uma concordância com a “coexistência pacífica” defendida pelos soviéticos à época, a qual o autor espanhol parecia se opor. A resposta de Pla López é de que Richta deixa explícito na sua obra a necessidade do socialismo para o pleno desenvolvimento da Revolução Científico-Técnica e que é, portanto, um defensor da revolução social como parte do processo, além de reforçar que o trabalho do filósofo checo era sobre o desenvolvimento da ciência e não de polêmica ideológica (PLA LÓPEZ, 1972). Pizán responderia Pla López na mesma revista, reforçando suas críticas colocadas no primeiro texto, mas salientando que não era um detrator do trabalho de Richta (PIZÁN, 1972).
- 50 Essa polêmica entre os dois escritores espanhóis, sobre os posicionamentos políticos de Richta naquela conjuntura e que se revelariam na sua obra, também foi analisada por autores posteriores. Vítězslav Sommer defende que a produção científica de Richta se situava entre o “stalinismo”¹³ e um “socialismo tardio”. Sommer observa que as contradições da obra de Richta são fruto do momento político do pós-guerra no Leste, onde a construção anti-Stalin do socialismo naquela região não se traduziu em governos que avançaram no processo de socialização, mas sim, que formaram novas burocracias que não davam conta de responder às contradições inerentes daquelas sociedades. A ideia de que o avanço da Revolução Científico-Técnica levaria a um mundo em que o trabalhador seria um especialista em determinado conhecimento é, para Sommer, uma ode à ciência típica do “socialismo tardio”, que pensava ser possível derrotar o capitalismo somente com o avanço das forças produtivas.
- 51 Por outro lado, Sommer observa também pontos de continuidade com o “stalinismo” na obra de Richta, como por exemplo, a ideia de que os cientistas devem participar ativamente das decisões políticas. Para Sommer isso é uma “politização” da ciência, que

leva a desvios dos objetivos científicos e à criação de axiomas em nome do partido, governo ou sistema. Entende, contudo, que essa posição de Richta se dava pela sua discordância com o revisionismo soviético, e que a participação dos cientistas nos rumos do socialismo poderia colocá-lo na direção correta, rumo a um “socialismo científico”. Novamente, Sommer problematiza se essa busca por um socialismo “cientificamente” correto não seria uma versão socialista do positivismo burguês, pretensamente uma ciência neutra, sem intervenções político-ideológicas (SOMMER, 2016, p. 177-183). Sommer volta à reflexão de outros autores já abordados neste trabalho, citando crítica de Daniel Bell, reflete em que medida, a RCT, ao invés de uma emancipação humana por meio de uma “civilização científica”, não se traduziria no domínio de uma tecnocracia avançada do Estado socialista (SOMMER, 2016, p. 191)

- 52 Mesmo com seus questionamentos, Sommer aponta que Richta defendia que o desenvolvimento da RCT em seu máximo potencial dependia de maior participação social nas decisões políticas, com a coletivização da ciência e da economia planejada que permitisse uma análise científica da realidade e a solução de seus problemas. Segundo Sommer, para Richta a batalha contra o capitalismo não era somente no campo da política, mas também da produção e no desenvolvimento das forças produtivas. Para isso era necessário o engajamento dos cientistas com espírito revolucionário e o investimento no tripé produção-educação-ciência (SOMMER, 2016, p. 189-190).
- 53 É certo que Richta tinha uma fé muito grande no desenvolvimento das forças produtivas como elemento de superação do capitalismo. Nesse ponto, é curioso como a posição de Richta é semelhante à de seus adversários, os revisionistas soviéticos, que também colocavam ênfase no desenvolvimento tecnológico do socialismo como forma de superar o capitalismo. Nos parece uma posição muito em voga no revisionismo do Leste europeu (ou “socialismo tardio”, como coloca Sommer). Apesar da divergência política com os soviéticos, não nos parece que Richta, nem a Primavera de Praga, tinha uma visão mais radical do socialismo, com centralidade na luta de classes e na superação do burocratismo. Por um lado, concordamos com Sommer, de que a posição de Richta guarda rupturas e continuidades, tanto com a ciência bolchevique dos tempos de Stalin, quanto com o revisionismo soviético, seu contemporâneo; por outro, discordamos de que seja negativo o engajamento científico proposto por Richta, tanto para os cientistas enquanto participantes da vida pública, como para a necessidade de que o socialismo deve dar respostas científicas à humanidade melhores do que o capitalismo. Esta não é uma luta apartada do todo social, mas sim, uma manifestação da luta de classes, principal contradição de uma sociedade classista como é o capitalismo.
- 54 Acredito ser equivocado creditar um suposto “determinismo tecnológico” ou “politização” da ciência ao trabalho de Richta. A “politização” da ciência e todas as outras atividades humanas existe, em qualquer que seja o sistema político ou formação social, vide que não existe ação humana neutra. Tudo está permeado de ideologia e posicionamentos. A negação das contradições e das tomadas de posição (por mais que elas possam ser conscientes ou não) geralmente serve ao pensamento conservador, como forma de manutenção de uma posição de poder. A interdição do debate é uma das armas mais poderosas para a manutenção do que está estabelecido.
- 55 Quanto ao “determinismo tecnológico”, apontado por Oliveira (2002) e Pizán (1972), creio que se trata de uma leitura equivocada da obra do filósofo checo. O trabalho de Richta é sobre uma revolução produtiva em curso, não sobre uma revolução social, não tendo obrigatoriedade de se aprofundar nesse tópico. Todavia, em toda sua obra fica bem

explícito de que a Revolução Científico-Técnica somente alcança seu real desenvolvimento no socialismo, portanto, a revolução e o aprofundamento do mesmo é condição para a exploração máxima das potencialidades desse fenômeno. O capitalismo é apresentado por Richta como um entrave para o desenvolvimento não somente das forças produtivas, mas, principalmente, do potencial humano. Portanto, não se trata de negligenciar a luta de classes como motor das transformações sociais, mas apenas uma questão de enfoque. Richta era um filósofo das forças produtivas e da técnica, mas em nenhum momento colocou que a RCT poderia prescindir da revolução social.

56 A crítica de Jiří Gabriel (1994) é errônea desde sua formulação, ao confundir tecnologia com forças produtivas. É o que ocorre quando culturalistas acham que seu objeto de pesquisa é o motor da humanidade, e não parte de uma construção que tem como ponto de partida as necessidades do ser humano. A produção material é baseada na dialética entre forças produtivas e relações de produção, sendo a cultura delimitada em última instância por esta, e não o contrário. É claro que a cultura entra em relação com a base e a influência, mas não é, em última instância, o nervo central da produção humana. A cultura não é a contradição principal de uma sociedade de classes, mas sim, a que existe entre as forças produtivas e as relações de produção, justamente o objeto de pesquisa de Richta.

57 Em outro texto, Richta elucida bem a diferença entre tecnologia e as forças produtivas, da mesma forma em que indica como a compreensão marxista permite um entendimento mais adequado do fenômeno da RCT do que a interpretação liberal.

O Marxismo surgiu em cena no século dezenove, mas foi somente na metade do século vinte que o seu conteúdo ideológico foi profundamente revelado. É a única teoria contemporânea do desenvolvimento social, que com seus conceitos de forças produtivas, e investigando as transformações que tomam lugar em suas estruturas e dinâmicas, permite uma imagem confiável da Revolução Científico-Técnica. Não é por acaso que um número de estudiosos da civilização moderna (Fourastie, Diebold e outros) admitem que as teses marxistas sobre tecnologia mantêm, eles colocam, maior influência na realidade atual do que foi previsto. Mas esses autores interpretam Marx incorretamente quando substituem o conceito “tecnologia” por “forças produtivas”, tendendo assim a obscurecer o caráter revolucionário das transformações que acontecem atualmente. Se essas mudanças são examinadas somente pelo ponto de vista da tecnologia (ou termologia) desconsiderando as transformações qualitativas na estrutura e nas dinâmicas das forças produtivas, e em particular na posição do “fator subjetivo” - o homem - seria muito difícil de fato definir e fundamentar o caráter revolucionário das metamorfoses presentes e futuras da civilização (RICHTA, 1967a, p. 56, tradução livre).

58 A análise de Richta é mais qualitativa e por isso ele vai ao âmago do conceito de “forças produtivas”, incluindo aí o fator humano, um estágio determinado do conhecimento humano e da sua relação com a natureza, para além do simples termo “tecnologia”, que seria uma referência a uma técnica ou conhecimento específico criado pelo ser humano. A humanidade é, por si só, uma força produtiva, e isso é levado em conta na análise de Richta sobre suas “estruturas e dinâmicas”, ao contrário dos cientistas liberais. Tentar entender a RCT abrindo mão do marxismo é restringir a capacidade de análise e transformação do próprio fenômeno.

59 Sobre o perigo da RCT se tornar uma “tecnocracia” e a ausência de uma teoria da revolução social em seu trabalho, ou mesmo de negligenciar a luta de classes, Richta argumenta que seus críticos esquecem que a classe trabalhadora não é somente composta pelos trabalhadores manuais, mas sim, foi o capitalismo que separou o trabalho manual

do intelectual. Uma sociedade socialista regida pela RCT tenderá a tornar essa separação obsoleta. A automação faz com que o trabalho manual seja quase nenhum, porém, quanto mais avançado for esse processo, maior será a qualificação necessária dos trabalhadores para manejá-lo (RICHTA, 1967a, p. 60-61).

- 60 Como colocado acima, Richta não tinha como objeto de pesquisa as relações sociais e a revolução social, por uma questão de enfoque. Mas encontramos em seus trabalhos apontamentos de que o autor tinha ciência de que a superação do capitalismo não estava ligada a um “determinismo tecnológico”, como enfatizaram alguns de seus críticos. Para Richta, a tecnologia não é neutra. A forma com que é aplicada possui profundas desdobramentos sociais. Nos países de capitalismo atrasado (periférico) o socialismo foi capaz de realizar a Revolução Industrial mais rápido e melhor do que as experiências capitalistas, diminuindo muito dos seus efeitos negativos. Mas isso seria somente uma etapa necessária do socialismo, para evitar a defasagem tecnológica frente aos países capitalistas. O socialismo não conseguiu suprimir a desvalorização do trabalho, pois essa é inerente à produção do tipo industrial. Quando surgem essas contradições, entre as forças produtivas e as relações de produção, somente a Revolução Científico-Técnica seria capaz de superá-las, e por essa razão Richta enfatizava tanto a necessidade de investimento nela.

A crítica de Marx ao capitalismo foi direcionada não somente contra as relações de produção capitalistas. Foi uma crítica a toda a civilização industrial criada pelo capitalismo e refletida nas suas contradições e limites. Essa crítica olhou para frente, como parte da reconstrução revolucionária das relações de produção, para uma nova fundação da civilização – o processo que hoje chamamos de Revolução Científico-Técnica. A definição de Marx da base produtiva da sociedade comunista é uma imagem incrivelmente precisa dessa revolução; o que está em questão é uma civilização fundada “não em desenvolver forças produtivas que reproduzem ou talvez aumentem as condições dadas, mas, pelo contrário, no desenvolvimento livre, irrestrito, progressivo e universal das forças produtivas que é a precondição para a existência da sociedade”. A partir desse ponto de vista a Revolução Científico-Técnica é um complexo processo social, um componente integral da reconstrução comunista em geral (RICHTA, 1967a, p. 65, tradução livre).

- 61 Tibor Vaško, que trabalhou com Richta, afirma ter tido acesso a manuscritos do autor em que defende a transição ao socialismo como uma transformação do trabalho, em relações de produção de cooperação e desenvolvimento mútuo, com o objetivo de alcançar formas de trabalho autônomas, sem exploração. “Se o socialismo não permitir a milhões de pessoas um jeito diferente de exercitar sua autonomia como seres sociais e como seres evoluídos, ele não vencerá de maneira convincente”. Assim, fica claro que para “avançar na encruzilhada”, Richta tinha consciência de que a mudança do sistema de produção não era o suficiente, que é necessário também a mudança dos indivíduos e suas relações, algo impossível no capitalismo e que leva muito mais tempo do que um período eleitoral ou uma geração (VAŠKO, 2001).
- 62 As posições de Richta estão em franca oposição àquelas que defendem o avanço das forças produtivas como fruto do capitalismo. É o caso de János Farkas, intelectual húngaro contemporâneo de Richta, e que chegou a participar da coordenação de estudos sobre a Revolução Científico-Técnica na Academia de Ciências da Hungria. Representou seu país na cooperação internacional de debates sobre a RCT, onde conviveu e discordou de Richta. Farkas coloca que, enquanto Richta se preocupava em trabalhar o campo teórico da RCT, seu trabalho era mais voltado para o estudo de análises empíricas sobre Pesquisa e Desenvolvimento, além de inovações tecnológicas, com destaque aos campos da

química, petróleo e gás, farmacêutica e computação. Farkas argumenta que Richta acertou no seu diagnóstico de que estava em curso uma revolução produtiva de proporções colossais, mas errou na interdependência desta com o socialismo (FARKAS, 1995, p. 56).

- 63 Para o intelectual húngaro, as condições para o desenvolvimento da RCT não estavam presentes no socialismo, mas sim, no capitalismo. O socialismo, para Farkas, era um empecilho para o desenrolar da revolução produtiva, pois não apresentava a busca pelo lucro e as condições de mercado, vitais para o desenvolvimento tecnológico. O socialismo, visto dessa maneira, estagnava o processo de criação e inovação. Somente o mercado concederia as condições ideais para o investimento em inovações no patamar necessário para deslanchar as potencialidades da Revolução Científico-Técnica. Farkas argumenta que o socialismo investiu muito em Pesquisa e Desenvolvimento, mas que essa não produziu os efeitos desejados, já que o sistema socialista não produzia capital suficiente para alastrar o consumo e o investimento. O autor passa então a uma série de comentários funcionalistas e deterministas: de que só o mercado, e somente o mercado, é capaz de distribuir as pessoas racionalmente entre produção e distribuição, onde cada indivíduo cumpre uma função na proporção entre liberdade e necessidade; as hierarquias sociais respondem às dinâmicas reais da sociedade e da produção, ao contrário das imposições de uma economia planejada (FARKAS, 1995, p. 56-58).
- 64 Farkas, que declara ter abandonado o marxismo nos anos 1980, aponta que o regime “totalitário” do socialismo, baseado no monitoramento e na punição, não permitiria a pluralidade e autonomia, pré-condição para a liberdade e o desenvolvimento da RCT. Sendo assim, seria o capitalismo que apresentaria esses “pré-requisitos”, o que explicaria sua vitória sobre o socialismo no século XX e todo o avanço nas forças produtivas que se deu concomitantemente. Farkas aponta que Richta nunca rompeu com o marxismo, mas que, em seus últimos escritos passou a dar mais ênfase aos fatores humanos na transformação da ciência, o que, para Farkas, seria uma revisão do seu trabalho e estava ligada à conjuntura do Leste europeu nos anos 1980 – Richta faleceu em 1983 (FARKAS, 1995, p. 58-60).
- 65 A análise de Farkas é antagônica a de Richta e podemos localizá-la historicamente, vinda de um “ex-marxista” do Leste europeu nos anos 1990. É compreensível, dada a época em que foi escrito, essa sensação de triunfo capitalista que transborda das páginas de seu artigo. Sua posição é credenciar o avanço produtivo dos últimos tempos ao capitalismo; mais do que isso, é identificar a superioridade do capitalismo no desenvolvimento das forças produtivas quando comparado ao socialismo. É evidente que Farkas toma como “socialismo” somente o revisionismo do pós-guerra, o “socialismo” do seu tempo de vida, que, em minha opinião, guardava muito pouco de socialismo. Se compararmos esse “socialismo revisionista” com o que realmente deve ser o socialismo (controle proletário do Estado – e não de uma burocracia; gradual democratização do poder e superação de formas exploratórias de relações de produção – e não estatismo político e econômico; internacionalismo e apoio às revoluções em outras partes do mundo – e não subordinação aos interesses diplomáticos de um país ou conjunto de países), há uma diferença enorme. Dentro da própria teoria de Richta, os países socialistas fizeram exatamente o contrário do que era defendido pelo filósofo checo. Em meu entendimento, é uma visão muito rasa achar que “socialismo” é a União Soviética dos anos 1980. Essa é uma visão superficial e limitada, mais utilizada como apologia ao capitalismo do que como estudo sério no campo das ciências sociais.

- 66 Os argumentos de Farkas, de que o mercado racionaliza a utilização dos indivíduos na produção e reprodução e que lhe são atribuídas funções, levando em conta sua liberdade e a necessidade coletiva, é digna de um conto de fadas. Não há o menor estudo empírico que comprove tal fantasia que só existe na cabeça de liberais ortodoxos (porque até os liberais honestos estão cientes das mazelas do mercado e de sua incapacidade de organizar qualquer coisa, inclusive os negócios). As palavras de Farkas apresentam o típico fetichismo do mercado, onde este “racionaliza”, “reage”, aprova e desaprova, como se fosse uma pessoa, um ente racional que sabe o que é melhor para todos. Os seres humanos, por outro lado, recebem “funções”, como se fossem coisas, ferramentas, cada qual com sua utilidade. É típico do pensamento apologético do capitalismo humanizar as coisas e coisificar os seres humanos. Seria uma pena que, a cada momento, a realidade desmentisse cada uma dessas fábulas liberais.
- 67 Se alguns marxistas apontam que o trabalho de Richta sofre de “determinismo tecnológico”, não leva em conta as relações sociais e a luta de classes, e chegam a defender que a RCT entendida a partir dos preceitos do pensador checo poderia desembocar numa “tecnocracia” e não na libertação humana; as críticas de Farkas estão no outro extremo, ao ignorar completamente as transformações sociais apontadas por Richta como parte do processo da RCT. Na sua visão apologética do mercado, Farkas analisa somente o avanço de tecnologia (o que é diferente de forças produtivas) como criação do capital. O estudo do avanço das forças produtivas sem conexão com o das relações sociais é puro tecnicismo. Farkas não concebe, ou não quer conceber, como o avanço da RCT restringida pelas relações de propriedade privada nas últimas décadas não vem acompanhado de uma melhora das condições de vida, pelo contrário. Salve um cataclismo de proporções distópicas, as forças produtivas sempre avançarão, pois, quando uma necessidade é suprida pelo ser humano, ela sempre abre novas necessidades. Dizer que a tecnologia disponível em um determinado tempo histórico é mais avançada do que décadas anteriores, é dizer que o sol brilha e a chuva cai. É dizer o óbvio. Avaliar a maneira com que essas forças produtivas transformam e são transformadas pelas relações sociais, isso sim, é uma análise qualitativa do processo.
- 68 Richta nunca separou os fenômenos, por mais que seu trabalho esteja mais focado nas forças produtivas sob a RCT. Em entrevista de 1967, Richta defende que suas ideias são, antes de tudo, humanistas, porque o elemento central de sua reflexão, a ciência, nada mais é do que o desenvolvimento da própria humanidade e suas habilidades. A RCT é o avanço das forças produtivas em relação com o desenvolvimento das habilidades humanas e esse avanço não cabe dentro da forma industrial de produção, que é desqualificadora e “desintelectualizadora” da atividade humana. O próprio livro “Civilização na Encruzilhada” era uma prova disso, já que foi resultado de trabalho coletivo e interdisciplinar entre dezenas de cientistas sob sua coordenação, bem distante da competitividade e individualismo cultivados pelo viés mercadológico hegemônico na produção científica mundial (RICHTA, 1967b).
- 69 Richta argumentava sobre a importância do estudo e intercâmbio com trabalhos científicos dos países capitalistas, mas apontava as limitações da visão destes empreendimentos (e que ficam evidentes em posições pró-capital como as de Farkas). Estes trabalhos, geralmente, não incluem os aspectos negativos do desenvolvimento científico acrítico, o que fica evidenciado na ausência de reflexão acerca das questões sociais nos estudos sobre ciência e tecnologia. Isso marcaria a diferença entre a visão capitalista e socialista sobre a Revolução Científico-Técnica. Richta realça que sua

abordagem possuía duas grandes diferenças em relação aos trabalhos dos cientistas mercadológicos: 1) a compreensão da essência da RCT e suas normas como um processo de mudança total e revolucionária da humanidade; e 2) o desenvolvimento de um modelo teórico da RCT diferente da Revolução Industrial, onde a primeira não pode ser entendida somente como um avanço científico, ou nova fase da Revolução Industrial, mas sim, como uma revolução estrutural da produção, da própria forma como a humanidade produz sua sobrevivência e a civilização. O entendimento da RCT separado da necessidade da revolução social é, portanto, um erro, vide que não há mudança de tamanha magnitude nas forças produtivas sem desdobramentos de mesma envergadura nas relações de produção. O avanço da RCT demanda não só mudanças técnicas, mas também, mudanças sociais (RICHTA, 1967b).

- 70 Se podemos analisar a diferença ideológica das propostas nas próprias palavras de Richta (que fala no avanço produtivo enquanto possibilidade de libertação humana) e de Farkas (que fala em avanço produtivo como forma de distribuir “funções” aos seres humanos), uma rápida reflexão sobre o mundo em que vivemos, a partir do debate sobre a RCT, nos é elucidativa. Se por um lado houve/há um avanço colossal nas forças produtivas nos últimos tempos, o que compreendo ser a RCT em ação, por outro, com a manutenção do capitalismo e suas relações de produção e propriedade há uma regressão na qualidade de vida, inclusive nos países centrais. A questão do trabalho talvez seja a mais evidente. Enquanto a tecnologia avança a passos largos, em um processo que parece ainda em seus estágios iniciais, as relações de trabalho se encontram cada vez mais precarizadas, com a proliferação da terceirização, subempregos – inclusive os empregos por “plataforma”, tipo *Uber* –, supressão de direitos trabalhistas, ou simplesmente a alocação da força de trabalho “sobrante” em uma situação de desemprego estrutural, tão comum à economia neoliberal, onde uma parte da classe trabalhadora não só está desempregada, como nunca voltará para o mercado de trabalho. Esse fenômeno se dá, seguindo as pegadas deixadas pelo trabalho de Richta, pela restrição da Revolução Científico-Técnica pelas relações capitalistas, que, com a libertação do ser humano da produção em si, ao invés de transformar os trabalhadores e trabalhadoras em especialistas e cientistas, simplesmente os joga no desemprego ou em ocupações precarizadas, algumas delas que, devido ao atual estágio das forças produtivas, sequer deveriam existir mais.
- 71 Portanto, a ausência da revolução social, mantém as potencialidades da Revolução Científico-Técnica restringidas pelos interesses dos monopólios capitalistas, que desviam as inovações para a maximização dos lucros, e não para a aplicação do conhecimento com objetivo de resolução dos problemas sociais. Mais do que o uso “acrítico” da ciência, para usar o termo de Richta, a principal restrição é do potencial humano, desperdiçado em formas degradantes de trabalho e sobrevivência, quando não no extermínio de milhões de vidas devido a problemas que já possuímos tecnologia e conhecimento necessário para solucionar. É por isso que a compreensão de Richta é muito mais apurada do que as apresentadas pelos ideólogos do mercado, já que está não só atenta às contradições entre as forças produtivas e as relações sociais de produção, como demonstra preocupação em ser uma teoria prática, no intuito da transformação da realidade.

Conclusão

- 72 Mais de 50 anos após o lançamento de “Civilização na Encruzilhada” o trabalho coletivo coordenado por Radovan Richta, assim como o restante de sua produção científica, são

mais importantes do que nunca. Nesse meio século que se passou, não só o colossal avanço das forças produtivas apontado pelo filósofo checo se concretizou (e continua), como os limites impostos pelas relações de produção capitalistas e a propriedade privada cobram muito caro seu preço. A permanência das relações capitalistas de produção deforma e impede as reais potencialidades da Revolução Científico-Técnica, tal como postulada por Richta. Os avanços produtivos, principalmente a automação e a informática não estão sendo prioritariamente utilizados para o bem-estar da civilização e a valorização do tempo livre como momento de criação científica, artística e cultural; mas sim, para a manutenção da exploração do trabalho em modalidades degradantes e obsoletas quando comparadas ao estágio atual das forças produtivas.

- 73 Podemos atualizar o pensamento de Richta para pensar sobre problemáticas que surgiram ou se intensificaram após seu tempo de vida. A questão ambiental e a irracionalidade da produção atual exaurem os recursos naturais numa proporção que coloca em risco a sobrevivência da humanidade enquanto espécie. Os avanços da informática como forma de controle e vigilância de massas e, por outro lado, sua utilização como ferramenta contra-hegemônica. A supremacia do capital financeiro como mecanismo de acumulação real/fictícia em tempos de automação da produção. Essa mesma financeirização, em conjunto com a precarização do trabalho e o desemprego estrutural, agindo como elementos de contratendência do capital para lidar com as contradições entre a necessidade de lucros exorbitantes e uma produção onde o tempo de trabalho socialmente necessário é cada vez menor. O neoliberalismo como ideologia do capitalismo destrutivo a partir da década de 1970. Muitos são os terrenos em que a tese de Richta pode colaborar com grande relevância.
- 74 A Revolução Científico-Técnica, a contradição entre forças produtivas e relações de produção no mundo contemporâneo, e as contratendências do capitalismo para se apropriar da revolução produtiva em curso são contribuições fundamentais do intelectual checo para pensarmos as contradições do tempo presente e suas implicações para o futuro de toda a humanidade. Mais do que isso, como bom marxista, seus escritos não têm a intenção somente de interpretar a realidade, mas de transformá-la. Nos permite desvendar toda uma construção ideológica pró-mercado que se impôs acerca do entendimento (falso) do avanço das forças produtivas, dos seus desdobramentos sociais e de outros fenômenos, como a globalização. Theotonio dos Santos (2004), utilizando a noção de Revolução Científico-Técnica de Richta, formulou toda uma reinterpretação crítica da globalização, entendendo-a como a superestrutura político-jurídica da revolução produtiva em curso, que se encontra, assim como sua base, em estágio inicial e restringida pelas relações de produção capitalistas. Ao contrário do pensamento apologético ao capitalismo, que traduz a globalização somente como a liberalização de mercados, Dos Santos compreende a mesma como um novo momento das relações humanas, em um processo de longa duração, em que se transcenderiam as posições de centro e periferia, levando a real democratização das relações internacionais e, por conseguinte, à sua abolição, numa civilização planetária. Seria esse o fim da encruzilhada?
- 75 É vital que a obra de Richta seja retomada, atualizada e radicalizada pelo pensamento crítico como ferramenta de compreensão e transformação do mundo no século XXI. Ela nos permite conhecer profundamente e agir sobre as principais contradições da realidade, sem cair no estagnacionismo, na carência de instrumentos interpretativos, nem nas superficialidades ideológicas pró-mercado. Estamos diante do desafio do século:

libertação humana ou degradação total, até mesmo a extinção. Essa é a encruzilhada a superar.

BIBLIOGRAFIA

BAYER, Gustavo; CASTILHO, Nira de. La civilización en la encrucijada [resenha]. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, 7(2): 189-202, abr./jun. 1973. Disponível em <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/5903/4591> Acesso em 14 de janeiro de 2018.

DOS SANTOS, Theotonio. *Revolução científico-técnica e capitalismo contemporâneo*. Tradução de Hugo Boff. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *Revolução científico-técnica e acumulação de capital*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Do terror à Esperança. Auge e declínio do neoliberalismo*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

GABRIEL, Jiří; HROCH, Jaroslav; NOVÝ, Lubomír (org.). *Czech philosophy in the XXth century: Czech Philosophical Studies, II*. Washington D.C.: Paideia Presse & The Council for Research in Values and Philosophy, 1994.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução Rubens Enderle. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução, Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, Maria Beatriz Loureiro de. *Escola, trabalho e qualificação profissional*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

ONDRYÁŠ, Karel. Akademik Radovan Richta. K 75. výročí narození Radovana Richty [O Acadêmico Radovan Richta. 75 anos de Radovan Richta]. IN: *Marathon* 4/1999, July 1999. Disponível em: <http://www.sds.cz/docs/prectete/epubl/kon_arr.htm> Acesso em 08 de janeiro de 2018.

PIZÁN, Manuel. “La civilización, en la encrucijada”. IN: *Triunfo*. año XXVII, número 497 páginas 47-48. Madrid, 8 de abril de 1972a. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/hem/dep/tfo/9720408a.htm>> Acesso em 29 de janeiro de 2018.

_____. La Revolución científico-técnica, Richta y Pla. IN: *Triunfo*. año XXVII, número 501 página 37. Madrid, 6 de mayo de 1972b. Disponível em <<http://www.filosofia.org/hem/dep/tfo/9720506a.htm>> Acesso em 29 de janeiro de 2018.

PLA LÓPEZ, Rafael. La civilización en la encrucijada. IN: *Triunfo*. año XXVII, número 500 página 50. Madrid, 29 de abril de 1972. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/hem/dep/tfo/9720429a.htm>> Acesso em 29 de janeiro de 2018.

RICHTA, Radovan, The Scientific & Technological Revolution. In: *Australian Left Review*, 1(7), 1967a. P. 54-67. Disponível em <<http://ro.uow.edu.au/alr/vol1/iss7/11>> Acesso em 29 de janeiro de 2018.

----- . *Logika změn naší doby* [A lógica das transformações do nosso tempo – Entrevista]. 1967b. Disponível em: <http://www.sds.cz/docs/prectete/rozovor/kot_rich.htm> Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

----- . *Economia socialista e revolução tecnológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

SOMMER, Vítězslav. Scientists of the World, Unite! Radovan Richta's Theory of Scientific and Technological Revolution. IN: ARONOVA, Elena; TURCHETTI, Simone (org.). *Science Studies during the Cold War and Beyond*. New York: Palgrave Macmillan, 2016. P. 177-204.

VAŠKO, Tibor. Civilizace za rozcestím [civilização atrás da encruzilhada]. IN: Marathon [online]. Janeiro 2001. Disponível em: <http://www.sds.cz/docs/prectete/epubl/tva_czr.htm> Acesso em 29 de janeiro de 2018.

Sítes:

Wikipedia (em checo) - <https://cs.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta>

Wikipedia (em francês) - <https://fr.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta>

Wikipedia (em inglês) - <https://en.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta>

NOTAS

1. “Radovan Richta”. Wikipedia em inglês. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta> Acesso em 08 de janeiro de 2018.
2. “Radovan Richta”. Wikipedia em checo. Disponível em: <https://cs.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta> Acesso em 08 de janeiro de 2018.
3. “Radovan Richta”. Wikipedia em francês. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta> Acesso em 08 de janeiro de 2018.
4. “Radovan Richta”. Wikipedia em checo. Disponível em :-<https://cs.wikipedia.org/wiki/Radovan_Richta> Acesso em 08 de janeiro de 2018.
5. Idem.
6. Richta cita, em outro texto, também os estudos de S. G. Strumilin, Victor Perlo, K. Tessmann. Ver RICHTA, 1967a, p. 54.
7. O mesmo que mais-valia. O termo “mais-valor” passou a ser adotado recentemente pelas traduções dos trabalhos de Marx e Engels feitas diretamente do alemão para o português brasileiro.
8. O *smartphone*, símbolo dos nossos tempos, é um bom exemplo disto. Lançado pela empresa estadunidense *Apple* em 2007, foi copiado em questão de meses por todas as grandes empresas de eletrônicos do mundo.
9. Pesquisa básica consiste na compreensão dos fenômenos naturais e sociais, com o intuito de conhecimento a ser disponibilizado à toda sociedade, como patrimônio coletivo. Geralmente é realizada pelas universidades e outras instituições públicas. Se desdobra posteriormente em diversas formas de aplicação. Por exemplo, uma pesquisa sobre a borracha e sua ação em relação ao atrito.
10. Pesquisa aplicada consiste em desenvolver aplicações práticas de um conhecimento auferido na pesquisa básica. Exemplo, a aplicação viável de borracha para freios e pneus de veículos.
11. Desenvolvimento é a formulação de produtos a partir dos conhecimentos desenvolvidos na pesquisa aplicada. Exemplo, o desenvolvimento de freios e pneus os mais variados, se adaptando às necessidades do mercado de veículos. Os limites entre pesquisa básica, aplicada e desenvolvimento são tênues e se interpenetram.

12. É significativo que uma das teses de Richta tenha se manifestado na própria pesquisa para escrita desse artigo. Ao procurarmos informações e trabalhos de e sobre Richta, diversas vezes não conseguimos acesso a determinados escritos por estes serem pagos, ou, quando disponíveis em plataformas como o Google livros, somente parte das obras se encontra para leitura gratuita, enquanto o livro completo deve ser adquirido mediante pagamento. São as relações sociais de produção, e mais precisamente sua expressão jurídica, as relações de propriedade, entrando em contradição com as forças produtivas. A internet nos permite o acesso, mas o capitalismo nos restringe o mesmo. Esse artigo, como toda obra de Richta, foi privado de mais informações devido a ação dos monopólios virtuais que restringem o acesso ao conhecimento, em um momento histórico em que já possuímos forças produtivas suficientes para acessar qualquer texto, em qualquer parte do mundo, escrito em qualquer idioma.

13. É importante salientar que não concordo com a nomenclatura “stalinismo”. Primeiro, não houve doutrina realizada por Stalin para se ter algo com seu nome. Segundo, mesmo que o nome seja em relação a uma prática mais do que uma filosofia, toda a política soviética do pós-guerra, e, por extensão, do Leste europeu, foi feita contra Stalin e não seguindo seus supostos posicionamentos. É um erro grotesco classificar o socialismo soviético do pós-guerra como “stalinista”, quando, na verdade, ele foi erigido em oposição ao líder soviético. Prefiro o termo “revisionismo” para tratar do período. Os resultados do “stalinismo” de Stalin e do “revisionismo” foram radicalmente diferentes em matéria de construção do socialismo, o que reforça nossa posição. “Stalinismo” é aqui utilizado na descrição da posição de outros autores sobre o fenômeno. Fica aqui nessa nota minha discordância.

RESUMOS

O presente trabalho aborda a obra do filósofo checo Radovan Richta, em face aos 50 anos do lançamento de seu principal livro, “Civilização na Encruzilhada”. Discute a análise de Richta sobre a Revolução Científico-Técnica, enquanto fenômeno e conceito, seus fatores principais, seu surgimento em meados do século XX e suas contradições com o capitalismo. O artigo apresenta também uma confrontação das posições de Richta com alguns críticos marxistas e não-marxistas, assim como, uma reflexão sobre as contradições entre as forças produtivas e as relações de produção no capitalismo contemporâneo a partir da visão do autor.

The paper approaches the work of Czech philosopher Radovan Richta on the 50th anniversary of his most relevant work, “Civilization at the Crossroads”. Richta's analysis on the scientific and technological revolution as phenomenon and concept is discussed, as well as its main components, its emergence in the mid-20th century and its contradictions concerning capitalism. The paper also presents a confrontation between Richta's positions and some of his Marxist and non-Marxist critics, as a reflection on the contradictions between productive forces and social relations in contemporary capitalism from Richta's standpoint.

El presente trabajo aborda la obra del filósofo checo Radovan Richta, frente a los 50 años del lanzamiento de su principal libro, "Civilización en la Encrucijada". Discute el análisis de Richta sobre la Revolución Científico-Técnica, como fenómeno y concepto, sus principales factores, su surgimiento a mediados del siglo XX y sus contradicciones con el capitalismo. El artículo presenta también una confrontación de las posiciones de Richta con algunos críticos marxistas y no

marxistas, así como una reflexión sobre las contradicciones entre las fuerzas productivas y las relaciones de producción en el capitalismo contemporáneo a partir de la visión del autor.

Ce travail aborde l'œuvre du philosophe tchèque Radovan Richta, 50 ans après le lancement de son livre principal, « La Civilisation au Carrefour ». On y débat de l'analyse que fait Richta de la révolution scientifique et technique, en tant que phénomène et concept, de ses facteurs principaux, de son apparition vers le milieu du XXe siècle et de ses contradictions avec le capitalisme. L'article confronte aussi les prises de position de Richta avec celles de certains critiques marxistes et propose une réflexion sur les contradictions entre les forces productives et les rapports de production dans le capitalisme contemporain, à partir de la vision de l'auteur.

ÍNDICE

Keywords: Radovan Richta, Scientific and Technological Revolution, productive forces, capitalism, socialism

Palabras claves: Radovan Richta, revolución científico-técnica, fuerzas productivas, capitalismo, socialismo

Mots-clés: Radovan, Richta, révolution scientifique et technique, capitalisme, socialisme

Palavras-chave: Radovan Richta, Revolução Científico-Técnica, forças produtivas, capitalismo, socialismo

AUTOR

ROBERTO SANTANA SANTOS

Doutorando em Políticas Públicas no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH-UERJ). Mestre em História Política e graduado em História pela mesma Instituição. Secretário-executivo da Rede de Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN) da UNESCO.